



TEMAS FORMATIVOS

«ESCUTAR» e «PÔR EM PRÁTICA» na espiritualidade franciscana

1. Introdução

- Lembrar que o tema geral da caminhada de formação permanente deste ano é: «Acolher a caridade perfeita», isto é, aprofundar o terceiro pedido que Francisco elevou ao Senhor, diante do Crucifixo de São Damião: «Concede-me, Senhor, uma fé verdadeira, uma esperança firme e uma caridade perfeita».
- A temática dos Temas Formativos, publicado na Revista, trata da «Palavra», especialmente vivida e anunciada pela espiritualidade franciscana, e da experiência da conversão de São Paulo, dado que este ano está marcado por estas duas efemérides.
- O tema do mês de Janeiro é: «Escutar» e «pôr em prática», na espiritualidade franciscana. Seria bom, todavia, que nesta reunião de Janeiro, se destacasse também a mensagem do Santo Padre para o Dia mundial da Paz, cujo lema é: «Combater a pobreza, construir a paz».

2. Abertura

Na sala, preparada convenientemente colocando em destaque uma Bíblia e a imagem de Francisco, começa-se com:

➤ Cântico inicial

(à escolha. Sugere-se: «Senhor, faz de mim um instrumento da tua paz»)

➤ Oração (juntos)

Senhor:

dá-me fome e sede da tua Palavra.

Fome e sede de a compreender,
de a saborear, de a viver.

Eu sei, Senhor,

que nunca poderei saciar-me plenamente;

a tua Palavra, que é vida,

cria em mim ainda mais fome e sede.

Eu sei, Senhor,

que a não poderei compreender totalmente,

mas dá-me o desejo de a conhecer mais,

dá-me a vontade

de ter ainda mais fome e sede dela.

Eu sei, Senhor,

que nunca a porei em prática

duma maneira perfeita,

mas experimento que

à medida que vou vivendo,

nessa medida me torno feliz,

e me nasce fome e sede

de a viver ainda mais.

Dá-me, Senhor,

fome e sede da tua Palavra

e serei feliz. Ámen.

Dário Pedroso, SJ

Nota: O título «Reunião Mensal» é substituído por «Temas Formativos». Pretende-se, assim, que cada Fraternidade Local tenha a liberdade de se reunir com a maior frequência permitida pelas circunstâncias e pelo empenho de todos, conforme o prescrito no Art. 53 das Constituições Gerais.

TEMAS FORMATIVOS

3. Leituras e reflexão

➤ Animador

O chamado «Sermão da Montanha» de Jesus, organizado pelo autor do evangelho de São Mateus, termina com a descrição sumária do verdadeiro «discípulo», sendo as palavras-chave dessa descrição «escutar» e «pôr em prática»: «Assim, todo aquele que ouve as palavras que acabo de dizer e as põe em prática, pode ser comparado a um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha» (Mt. 7, 24). E à multidão e aos discípulos, Jesus declara: «Os escribas e os fariseus sentaram-se na cátedra de Moisés. Fazei e observai tudo quanto vos possas dizer, mas não vos reguleis pelos seus actos, pois eles dizem, mas não fazem» (Mt. 23, 1-3). O discípulo autêntico não é o que se contenta com dizer «Senhor, Senhor!», nem que realize milagres, mas aquele que «faz a vontade de meu Pai que está nos céus» (Mt. 7, 21).

Nos escritos de São Francisco, encontramos o mesmo binómio de «ouvir» e «fazer». Escutemos uma passagem da Carta à toda a Ordem e do Testamento:

➤ Leitor

CO, 34

«Nós, os que mais especialmente somos incumbidos dos ofícios divinos, devemos não só ouvir e fazer o que Deus diz, mas ainda, para mais nos compenetrarmos da grandeza do nosso Criador e da nossa sujeição a ele, guardar com cuidado e reverência os vasos sagrados e os livros que servem nos ofícios e contêm as suas santas palavras».

«Depois de o Senhor me ter dado a responsabilidade de irmãos, ninguém me ensinava o que eu devia fazer, mas o mesmo Altíssimo me revelou que devia viver em conformidade com o santo Evangelho».

➤ Animador

Se o ministério oficial da pregação está reservado aos que tiveram autorização para isso, por outro lado «Todos os irmãos devem pregar pelo seu modo de proceder» (RnB 17, 3), pois «para isto vos enviou Deus ao mundo: para que por palavras e obras deis testemunho da sua voz» (CO 9). De resto, todo e qualquer cristão deve

esforçar-se por ser um Evangelho vivo, uma Boa Nova em acto, uma vida que reflecta Deus e manifeste que o Reino de Deus (Reino de Amor) está a ser implantado na humanidade. Diz ainda Francisco, na Carta aos Fiéis, utilizando uma ousada comparação:

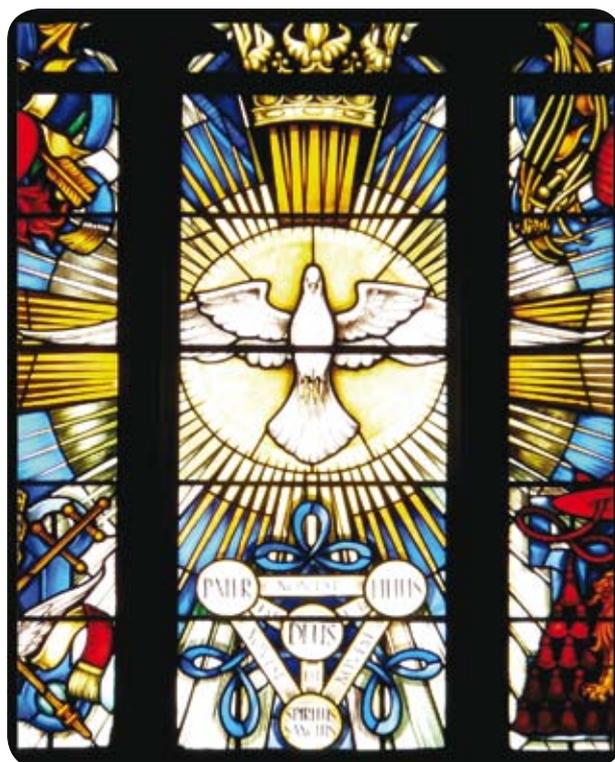
➤ Leitor

2CF 53

«Nós somos como mães de Jesus Cristo quando o levamos no nosso coração e no nosso corpo, pelo amor e por uma consciência pura e sincera, e como que o damos à luz pelas nossas boas obras, que para os outros devem ser luz e servir de exemplo»

➤ Animador

Para Francisco, escutar, fazer, viver as santas Palavras, é encarná-las na vida quotidiana, é continuar hoje a dar «corpo» ao Verbo de Deus. Mas não basta conhecer a «letra», o significado exacto e rigoroso das palavras do Evangelho; é necessário perscrutar o Espírito das Sagradas Escrituras, pois é esse Espírito que leva a viver e agir segundo Deus. Foi o Espírito que inspirou aqueles que nos transmitiram as santas Palavras de Deus; e agora esse mesmo Espírito semeia-as no coração do crente que as escuta e fecunda-lhe a vida. Parafraseando a expres-



são de S. Paulo (2 Cor 3, 6) «a letra mata, mas o Espírito dá a vida», escreve São Francisco na 7ª Exortação:

➤ **Leitor**

Ex 7ª.

«A letra mata os que se contentam com aprender palavras, para serem tidos entre os outros por mais sábios, ou poderem adquirir grandes riquezas e dá-las a parentes e amigos. A letra mata também aqueles religiosos que, em vez de seguirem o espírito das divinas Escrituras, só cuidam de lhes aprender as palavras para as ensinarem aos outros. Pelo contrário, o espírito das divinas Escrituras dá vida aos que nas letras que sabem e desejam aprender, não procuram o próprio proveito, mas, pela palavra e pelo exemplo, com elas prestam homenagem ao Altíssimo Senhor, a quem pertence todo o bem».

➤ **Animador**

A simples curiosidade intelectual que se limita a analisar ou comentar textos bíblicos, embora com aparência de erudita, não dá Vida, é estéril. Sem o Espírito de Deus, as «santas palavras», mesmo sendo divinas, não passam de meras palavras. Só o Espírito as consegue transformar em «santas Palavras», sacramentais e vivificantes. Por isso, o Santo chama a atenção dos irmãos sobre a motivação profunda das suas acções, mesmo apostólicas, e das suas palavras, mesmo edificantes.

Na 12ª Exortação, Francisco apresenta a humildade como critério fundamental para discernir que se deixa conduzir pelo Espírito do Senhor. Escutemos o texto e, a seguir, outro tirado da Regra não Bulada:

➤ **Leitor**

Ex 12ª; Rnb 9-17

«Eis como o servo de Deus pode conhecer se tem o Espírito de Deus: quando o Senhor opera por meio dele alguma obra boa, se a sua carne, sempre inimiga do bem, nem por isso se orgulha, antes ele então se tem por mais desprezível aos seus próprios olhos e se julga o menor de todos, sinal é que tem o Espírito do Senhor».

«Portanto, irmãos, acautelemo-nos de toda a soberba e vanglória. Guardemo-nos do orgulho deste mundo e da prudência da carne, porque o espírito da carne muito quer e cuida de palavras

e pouco de obras, e procura, não a religião e santidade interior do espírito, mas apenas quer e deseja uma fachada exterior de santidade que seja vista pelos homens. Mas desses diz o Senhor que «já receberam a sua recompensa». O Espírito do Senhor, pelo contrário, procura a humildade. Atribuamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e soberano, reconhecendo que todos lhes pertencem, e dando-lhe graças por todos eles, já que dele procede todo o bem».

➤ **Animador**

A Palavra de Deus é um dom. Dela ninguém se pode apropriar, apenas se deve «prestar homenagem» ao Senhor. Pois, sendo Deus a origem de todo o bem, é a Ele que o homem deve restituir tudo quanto é bom, inclusivamente a sua Palavra que em nós produziu o devido fruto. Para Francisco, «prestar homenagem» da Palavra a Deus é reconhecer nela uma dádiva gratuita, pelo exemplo duma vida fecundada por ela.

(Podem-se partilhar os textos e as reflexões)

➤ **Oração Conclusiva**

CO 8

Deus onnipotente,
eterno, justo e misericordioso,
concede-nos a nós, miseráveis,
que por ti fazamos
o que sabemos que tu queres,
e sempre queiramos o que te apraz,
para que, interiormente purificados,
interiormente alumados
e abrasados pelo fogo do Espírito Santo,
possamos seguir os passos de teu Filho,
nosso Senhor Jesus Cristo,
e mediante somente a tua graça,
chegar até ti, ó Altíssimo,
que, em Trindade perfeita
e em simples Unidade,
vives e reinas e tens toda a glória,
ó Deus onnipotente,
por todos os séculos dos séculos.
Amen.

4. **Partilha e vida em Fraternidade.** **Informações.** †

ESCRITURA E TRADIÇÃO em Francisco de Assis



1. Introdução

- *Este tema é o último sobre a Palavra de Deus, escutada e vivida segundo a espiritualidade franciscana.*
- *Queremos, neste mês, realçar a importância que tem a Igreja (o novo Povo de Deus) em «guardar» a Palavra de Deus. Assim como Maria, que a «guardava no seu coração», a Igreja guarda o «tesouro da fé» e oferece a maior riqueza ao mundo: a Palavra que se torna Carne.*
- *Nesta reflexão, bem como na do mês anterior, servimo-nos de um interessante livro de Michel Hubaut: «São Francisco e a Palavra de Deus», Editorial Franciscana, 2008.*

2. Abertura

Na sala, preparada convenientemente colocando em destaque uma Bíblia e as Fontes Franciscanas, começa-se com:

- **Cântico inicial**
(Sugere-se: «Como Francisco vivemos o Evangelho»)
- **Oração (juntos)**

Senhor Deus,
Pai misericordioso:
dissipa as trevas da nossa ignorância

através da luz da tua Palavra.
Aumenta a fé
que puseste em nossos corações,
e fortifica a nossa esperança
no novo céu e nova terra,
para que o fogo da caridade,
ateado em nós por meio do teu Espírito,
não seja apagado por nenhuma tentação.
Por Cristo, nosso Senhor.
Amen.

3. Leituras e reflexão

➤ Animador

Como temos vindo reflectir nos encontros passados, a Palavra de Deus vai-se revelando, compreendendo e aprofundando continuamente no decorrer da história. Por isso, podemos dizer que a Palavra é, na Igreja, uma Tradição viva, que compreende a Escritura e a Tradição.

É certo que o Concílio de Trento, por reacção contra os protestantes que apelavam exclusivamente para a Escritura, acentuou a distinção entre «Escritura» e «Tradição»; mas o Concílio Vaticano II veio dar à Revelação cristã a sua unidade dinâmica, esclarecendo:

➤ Leitor **Constituição Dogmática «Dei Verbum» 9**

«A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma

fonte divina, constituem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição por sua vez, transmite integralmente a Palavra de Deus confiada pelo Senhor Jesus e pelo Espírito Santo aos apóstolos, e por estes aos seus sucessores».

➤ **Animador**

Na história do povo bíblico, cuja cultura originariamente foi apenas oral, o texto das Escrituras só bastante tarde e pouco a pouco foi sendo consignado por escrito. Com efeito, verifica-se uma incessante osmose entre a vida dos homens, a tradição oral e o texto escrito, reinterpretado e completado em consonância com a experiência de cada geração. Mas foi sempre a Tradição, viva e animada pelo Espírito, que inspirou os autores sagrados, e é essa Tradição que continua a interpretar e dar sentido exacto da Palavra escrita.

➤ **Leitor**

Francisco, no entendimento que tem das «Santas Palavras», nunca dissocia a Sagrada Escritura da Tradição viva da Igreja, como é fácil verificar até pela maneira como se refere à «Palavra de Deus». Nunca utiliza o termo «Scriptura», apesar de nessa época ser o mais usado para designar a Sagrada Escritura ou a Bíblia; emprega quase sempre expressões no plural,



como «as Santas Palavras de Deus», ou mesmo «as Palavras odoríferas do Senhor».

No seu entender, «as Santas Palavras de Deus» designam muito mais do que os meros textos bíblicos, que não passam de simples sinais gráficos, embora privilegiados, da revelação divina. E na expressão «Palavras de Deus» inclui tanto a Sagrada Escritura como a vasta Tradição da Igreja: a Palavra transmitida, actualizada, interpretada, divulgada por pregadores e teólogos, e além disso todos os escritos contidos nos livros litúrgicos, não só passagens bíblicas propriamente ditas, mas ainda fórmulas sacramentais, orações e bênçãos rituais.

➤ **Animador**

Resumindo, para Francisco são «Santas Palavras do Senhor» todas as palavras, consignadas na Escritura ou empregues na liturgia, transmitidas pela Tradição viva, pela pregação e pelos usos da Igreja. E a todas dedica o mesmo respeito que teria para com o próprio Cristo, que por meio delas vem hoje ter connosco a fim de nos comunicar a sua Vida.

São Boaventura, fiel às intuições de Francisco, esclarece bem o modo dele abordar as Escrituras:

➤ **Leitor**

LM 11.1-2

«Por uma aplicação constante à oração e pela não menos constante prática das virtudes, chegou Francisco a uma tal limpidez de alma, que, mesmo sem ter adquirido pelo estudo o conhecimento dos Livros Santos, mas esclarecido pelos fulgores da luz eterna, penetrava até ao mais íntimo das Escrituras com uma subtileza verdadeiramente pasmosa. A sua inteligência pura esquadrihava os mais ocultos mistérios; o seu amor impetuoso conseguia entrar onde a ciência dos mestres se via obrigada a ficar de fora. Lia às vezes os Livros Santos, e aquilo que conseguia entender nunca mais se lhe esvaía da memória: não era em vão que o seu coração ruminava amorosamente aquilo que lhe entrava pelos ouvidos da alma».

➤ **Animador**

Na tradição franciscana andam sempre a par, a enriquecerem-se mutuamente, o amor e o co-

TEMAS FORMATIVOS

nhecimento, o coração e a inteligência. Deve-se estudar, sem dúvida, mas não apenas nem principalmente para adquirir mais conhecimentos, senão sobretudo para amar mais e viver melhor. São Boaventura, no texto citado, esclarece como Francisco conglobou todas estas faculdades humanas: a inteligência para «compreender», a memória para «reter», o coração para «ruminar», e o ouvido para «escutar» – tudo ao serviço da «interpretação espiritual».

Depois de termos escutado estas reflexões, deixamos um breve espaço de silêncio para interiorizar a mensagem e partilharmos algo que o Espírito nos possa sugerir.

➤ **Oração Conclusiva**

Nós te agradecemos, Senhor,
porque a tua Palavra,
pronunciada há dois mil anos,
é viva e eficaz no meio de nós.

Reconhecemos a nossa impotência
e incapacidade para entendê-la
e deixá-la viver em nós.
Ela é mais poderosa e mais forte
que as nossas fraquezas,
mais eficaz que as nossas fragilidades,
mais penetrante nas nossas resistências.

Por isso te suplicamos
de ser iluminados pela tua Palavra,

de levá-la a sério
e permitir-lhe de operar em nós
segundo a riqueza do seu poder.

Mãe de Jesus,
que te entregaste sem reserva,
suplicando que se fizesse em ti
segundo a Palavra que te era dita,
concede-nos o espírito de disponibilidade
para que possamos
reencontrar a verdade em nós mesmos.

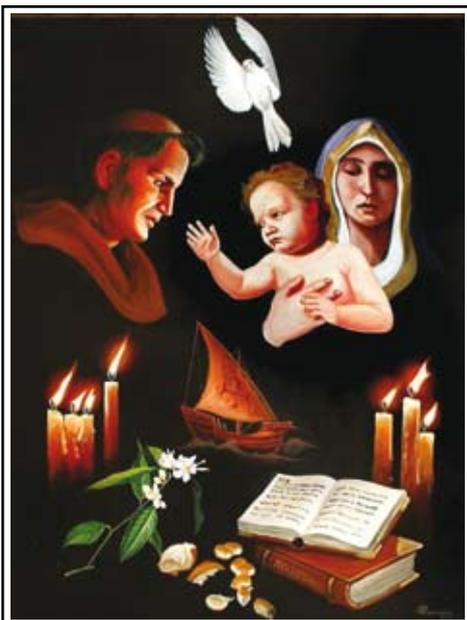
Concede-nos de ajudar a cada ser humano
a reencontrar a verdade de Deus nele;
faz com que a encontre plenamente
o mundo e a sociedade na qual vivemos,
e que, humildemente, desejamos servir.

Nós te suplicamos, Pai,
por Jesus Cristo, tua Palavra encarnada,
pela sua morte e ressurreição,
e pelo Espírito Santo
que continuamente renova em nós
a força dessa Palavra,
agora e por todos os séculos.

Amen.

Carlo Maria Martini, Cardeal

4. Partilha e vida em Fraternidade. Informações. ¶



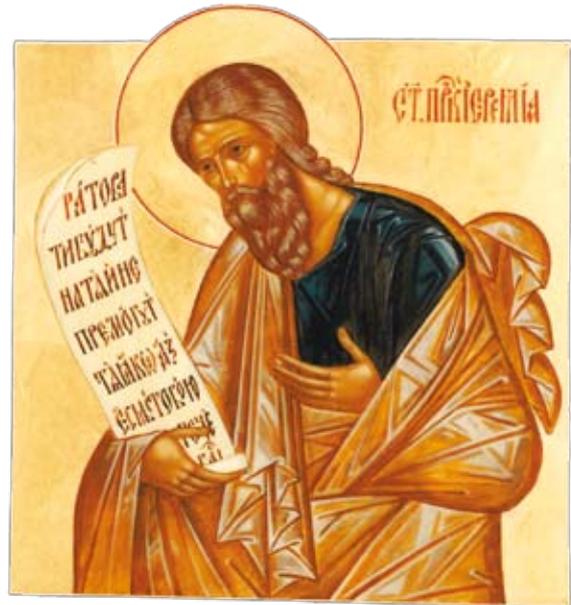
*Ao irmão António, meu bispo,
o irmão Francisco envia saudações.*

*Tenho gosto em que ensines aos irmãos
a sagrada teologia, desde que,
com o estudo, não se extinga neles
o espírito da santa oração e devoção,
como está escrito na Regra.*

São Francisco de Assis

Conhecer São Paulo

antes e depois da conversão



1. Ambientação

- Preparar a sala com um ícone de São Paulo. Mostrar também o livro do Sr. Dom Anacleto Oliveira «Um ano com São Paulo».
- Cântico: «Formamos um só corpo em Cristo Jesus» ou «Para mim viver é Cristo»

2. Reflexão

Paulo de Tarso, diz-me quem és.

Ao celebrarmos o ano dedicado a S. Paulo, queremos conhecer melhor este homem que marca a história da Igreja nascente, quer pelo seu fulgor missionário, quer pela sua capacidade de integração.

A melhor forma de penetrarmos em S. Paulo é sem dúvida através das suas Cartas, as quais são a sua autobiografia. Apesar de muitas, estas cartas, juntas umas às outras, levam-nos à reconstrução, etapa a etapa, da sua vida e da sua procura.

Entre as muitas páginas em que Paulo fala de si próprio, escolho a que me parece mais completa e significativa: trata-se da passagem da Carta aos Filipenses 3, 1-14. Neste trecho o autor distingue claramente três momentos da sua vida: o passado (versículos 4-6), o presente (versículos 7-11) e o futuro (versículos 12-14).

Nós mesmos devemos aprender, pelo menos nos momentos mais importantes da nossa história pessoal, a reler a nossa vida à luz da Palavra de Deus, para lhe dar graças pelos dons recebidos e para pedir perdão pelas faltas cometidas e pelas nossas omissões; sempre e de todos os modos a fim de elevarmos o nosso hino de acção de graças e louvor ao Senhor.

Paulo nunca renegou o próprio passado de judeu, precisamente enumera muitos títulos: «circunciso ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim; hebreu, filho de hebreus e, no que se refere à lei, fariseu, por amor à lei fui perseguidor da Igreja; quanto à justiça que se encontra na lei, irrepreensível» (vs. 5-6). Como Saul, o primeiro rei de Israel do qual é herdeiro no nome, Paulo também descende da tribo de Benjamim, benemérita entre todas as tribos porque permaneceu sempre fiel à dinastia de David. Como tantos contemporâneos seus, Paulo tinha-se dedicado totalmente ao culto de Deus de forma sectária e cega. Como tantos outros hebreus, Paulo considerava um privilégio irrenunciável pertencer à religião hebraica. Como tantos outros fariseus, Paulo, praticamente, tinha feito da lei - a Torá - um ídolo, e tinha-se tornado escravo dela, com todas as consequências.

Quanto ao presente, Paulo sente-se inclinado a adoptar critérios de valor completamente novos, poderíamos dizer que teve que subverter

TEMAS FORMATIVOS



a escala de valores: «Tudo o que era para mim ganho, considero agora como perda por causa de Cristo» (v.7). E ainda: «Considero que tudo é perda em comparação com este bem sublime que é o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por causa dele, eu perdi tudo e considero isso como lixo, a fim de ganhar a Cristo» (v.8). Também para nós, como para ele, trata-se de saber quem está no centro da nossa vida, a quem decidimos pôr no ponto culminante da nossa procura. Se é Jesus, então tudo adquire um sentido na nossa vida, isto é, um significado e uma orientação nova; tudo contribuirá para o nosso crescimento humano e para a nossa maturidade cristã e franciscana.

No que diz respeito ao futuro, Paulo não faz previsões fantásticas; conforma-se em relacionar tudo com o presente: «Não que eu já tenha alcançado a perfeição, mas corro atrás dela com a pretensão de alcançá-la, da mesma forma que fui alcançado por Jesus Cristo» (v.12). Este deve ser o único modo correcto também para nós, se queremos preparar um futuro que não esteja cheio de surpresas negativas, mas repleto dos dons de Deus, desses dons que o Senhor, pela sua grande misericórdia, não deixará que nos falem.

No epistolário Paulino, além deste trecho, ao qual fiz referência, há muitas outras páginas autobiográficas, das quais convém partir para uma leitura sistemática de toda a sua produção lite-

rária. Mas uma vez feita esta introdução e superadas as primeiras dificuldades, será mais fácil ler uma por uma as suas Cartas e compreender o seu significado profundo. De facto, só quem se familiarizou com a linguagem e a psicologia de Paulo pode ler as suas Cartas, mesmo as mais difíceis, e entendê-las, entrando em profunda sintonia espiritual com quem escreve.

Impõe-se um esclarecimento: o que pretendo não é oferecer um mero elenco biográfico de Paulo mas uma espécie de autobiografia espiritual do apóstolo, que nos dê a conhecer a sua verdadeira identidade, a qual ele a partir do grande evento de Damasco, foi adquirindo pouco a pouco em etapas progressivas, passando por numerosas provas e experiências místicas que o fizeram semelhante a Cristo, seu Senhor.

A experiência de Damasco

Damasco representa um acontecimento fundamental na vida de Paulo. Paulo tem um encontro com Jesus de Nazaré, encontro este que é essencial para entrar no segredo de Paulo, para compreender toda a sua reflexão teológica e para captar o mistério da graça que nele se manifesta, isto é, para que também cada um de nós faça o caminho de fé que ele percorreu.

O próprio Paulo fala-nos do que sucedeu nesse dia de forma comovedora na Carta aos cristãos da Galácia. O seu testemunho pessoal ajuda-nos a formarmos uma ideia clara e definida daquele encontro: foi essencialmente uma revelação (Gál. 1,16), um confronto que alterou a filiação espiritual de Paulo. Desde então Paulo deixou de ser Paulo; começou a ser um homem novo, uma nova criatura, amigo de Jesus, missionário do Evangelho, irmão universal.

Um conhecido estudioso contemporâneo escreveu que para compreender a teologia de Paulo, não é suficiente partir de Tarso, cidade em que nasceu e recebeu a sua primeira formação; não basta partir de Jerusalém, cidade na qual Paulo foi educado e onde se pôde confrontar com os apóstolos, especialmente com Pedro; não é suficiente partir de Antioquia, cidade que foi o ponto de referência de todas as suas viagens missionárias. É certo que todas estas cidades tiveram importância na formação de Paulo

e, de algum modo, todas contribuíram para o seu crescimento moral e espiritual.

Mas para entrar no pensamento de Paulo e para compreender a sua aproximação de Cristo e do mistério da salvação é absolutamente necessário partir de Damasco, porque Damasco constitui o momento da sua primeira iluminação e a mudança de rota que determinou tudo o resto na sua vida. Uma simples releitura deste acontecimento (Cf. Act. 9, 1-19; 22, 1-21; 26, 1-23) põe-nos em contacto com a Palavra de Deus ou, melhor ainda, com aquele que, mediante a Bíblia, nos dirige pessoalmente a sua Palavra. Então compreenderemos a importância do encontro de Damasco na vida de Paulo: dir-se-á que foi um raio em céu aberto, ou melhor, uma maravilhosa e imprevisível erupção da graça de Deus na sua vida tormentosa e desordenada.

Em Damasco Paulo compreendeu que entre Jesus e os cristãos havia, e continua a haver, uma identidade espiritual, sacramental, na qual está o segredo e o fundamento do nosso ser Igreja, do nosso amor à Igreja: «Eu sou Jesus, a quem tu persegues» (Act. 9,5). Assim pois, é o Senhor quem é perseguido na pessoa dos seus discípulos. A Igreja é o corpo de Cristo, é o prolongamento da sua humanidade, é a esposa amada de Cristo. Não se pode separar a Igreja de Cristo, como não se pode separar uma pessoa do seu corpo, como não se pode separar a esposa do esposo: seria uma violência absurda. Aqui está o segredo da espiritualidade Paulina.

Em Damasco Paulo compreendeu que Jesus de Nazaré é o verdadeiro Messias, o qual indicavam os profetas do Antigo Testamento e que estava destinado a ser o Salvador de toda a humanidade, porque todos os homens de qualquer tempo e lugar são pecadores e esperam a libertação da escravidão do pecado. Uma vez que Paulo identificou Jesus com a sua dignidade messiânica e a sua divindade, não pôde senão unir-se a Ele com todas as suas forças, com toda a sua capacidade de amar, com uma convicção enraizada nele: «Sei em quem pus a

minha confiança e estou seguro de que Ele pode assegurar-me até ao último dia aquilo que me confiou» (2Tim. 1,12).

Paulo compreendeu em Damasco que até àquele momento tinha estado a caminhar por uma senda equivocada, um caminho que não devia voltar a empreender. Esse foi o momento da sua 'conversão', isto é, do seu desapego a uma vida marcada pelo medo e pelo ódio, para se converter numa vida marcada pela confiança e pelo amor. «Tudo o que era para mim ganho, considero agora como perda por causa de Cristo. Considero que tudo é perda em comparação com este bem sublime que é o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por causa dele, eu perdi tudo e considero isso como lixo, a fim de ganhar a Cristo» (Fil. 3,7-8). A conversão de Paulo tem realmente algo extraordinário, que raramente se encontra na história bimilenária do cristianismo.

Em Damasco Paulo compreendeu que devia mudar de vida e aderir plenamente, mediante a fé, à pessoa de Jesus: só Ele devia ser o objecto do seu amor, o centro da sua pregação. Com efeito, todas as Cartas de Paulo, que são o reflexo literário da sua viva voz, têm uma marca cristocêntrica evidentiíssima: «Resolvi nada saber entre vós a não ser Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado» (1Cor. 2,2) escreve aos cristãos de Corinto. Paulo tende com todas as suas forças não para um Cristo desfigurado, mas para aquele Jesus que leva em si os estigmas da crucificação. Qualquer hipótese alternativa a esta, Paulo rejeita-a energeticamente. Afirma, ainda que de modo irónico, na sua segunda Carta aos Coríntios: «Se alguém vos prega outro Jesus Cristo diferente do que eu preguei, ou se vos é dado outro Espírito diferente daquele que recebestes, ou outro evangelho distinto daquele que abraçaste, vós os aceitais com gosto» (2Cor. 11,4).

Em Damasco Paulo teve o dom de compreender que o que mais vale na vida não é a afirmação de nós próprios em detrimento dos demais, mas o dom de nós mesmos àquele por cujo amor pode-



TEMAS FORMATIVOS

mos amar o próximo, seja quem for. Assim o amor ao próximo torna-se inseparável do amor a Jesus, assim o amor de Jesus conduz necessariamente ao amor ao próximo. Sobre este tema Paulo compôs um 'hino à caridade' que alcança os vértices da poesia e da mística: «O amor é paciente, é servicial; o amor não é ciumento, não é arrogante nem orgulhoso; não é indelicado nem egoísta, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça; alegra-se na verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha» (1Cor. 13, 4-7).

Em Damasco Paulo compreendeu que há alguém acima de todos que merece ser servido e amado sobre todas as outras coisas ou pessoas: Jesus de Nazaré. O seu nome, isto é, a sua pessoa está «acima de todo o nome» (Fil. 2,9). Paulo quis dá-lo a conhecer a todos: «para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem, os seres do céu, da terra e do abismo, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai» (Fil. 2, 10-11). Aqui podemos antever a consciência missionária de Paulo, que tende a levar Jesus aos outros e levar os outros a Jesus.

Em Damasco Paulo viu-se forçado a mudar o rumo da sua vida e fá-lo de forma tão radical que se vê naquele preciso momento o triunfo único da graça de Deus. Tudo está contido naquele 'mas' com o qual ele expressa uma

transformação na narração da sua conversão: «Conheceis a minha conduta anterior dentro do judaísmo: com que crueldade perseguia e tratava destruir a Igreja de Deus... 'mas' quando Deus, que me tinha escolhido desde o ventre materno, me chamou pela sua graça e me deu a conhecer o seu Filho para que eu o anunciasse entre os gentios...» (Gál. 1, 13-16). Cada um de nós pode fazer todos os projectos que quiser, pode inclusive acreditar que pode fazer tudo por si próprio, mas quando Deus decide entrar na nossa vida, tudo muda e muda para melhor.

3. Partilha

- Que desafios nos coloca S. Paulo neste ano que a Igreja lhe dedica?
- Como podemos nós, enquanto franciscanos, associarmo-nos ao apóstolo das gentes?
- De que forma pode e deve a nossa fraternidade levar a cabo a evangelização nos dias de hoje?

4. Vida em Fraternidade. Próximas acções a nível Local, Regional e Nacional. †



ORAÇÃO DO ANO PAULINO

Senhor Jesus Cristo, imagem de Deus invisível, que na plenitude dos tempos nasceste de uma mulher, ilumina os olhos do nosso coração para celebrarmos com disponibilidade e entusiasmo este ano de graça e misericórdia dedicado ao Apóstolo São Paulo, doutor das nações na fé e na verdade.

Vós quereis que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Renovai, na vossa Igreja, o ardor missionário para que todos os povos Vos reconheçam como único mediador entre o homem e Deus.

Dai vigor ao movimento ecuménico para que não haja divisões entre os vossos discípulos. Que todos tenham os vossos sentimentos e sejam um só.

Senhor Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, acendei em nós o amor à Sagrada Escritura para que acolhamos a vossa Palavra com a alegria do Espírito Santo, não como palavra humana, mas como na verdade é, Palavra de Deus.

Fazei que as famílias sejam verdadeiros santuários da vida e que todos nós, fiéis às promessas do Baptismo, vivamos com responsabilidade e alegria a nossa fé e não tenhamos medo de anunciar o Evangelho, que é força de Deus para a salvação de todos.

A Vós, Rei dos séculos, Deus incorruptível, imortal e único, no amor de Deus Pai e na comunhão do Espírito Santo, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amen